

OPINATIVOS E DE REVISÃO

CONQUISTAS E DESAFIOS DAS EDUCADORAS E EDUCADORES ATUANTES EM EDUCAÇÃO SEXUAL: SUBSÍDIOS PARA A FORMAÇÃO DOCENTE

Mary Neide Damico Figueiró¹

ACHIEVEMENTS AND CHALLENGES OF EDUCATORS WORKING IN SEXUAL EDUCATION:
SUBSIDIES FOR TEACHER TRAINING

LOGROS Y DESAFÍOS DE LAS EDUCADORAS Y DE LOS EDUCADORES ACTUANTES
EN EDUCACIÓN SEXUAL: SUBSIDIOS PARA LA FORMACIÓN DOCENTE

Resumo: São urgentes e necessárias a formação inicial e a formação continuada de professores(as) para trabalhar a educação sexual nas escolas, sobretudo num período de forte conservadorismo. Com base em pesquisas e extensão universitárias desenvolvidas no período de 1995 a 2013 sobre a formação continuada na área da educação sexual na Universidade de Londrina (UEL-PR), este texto pretende refletir sobre conquistas, superações e desafios interligados ao trabalho do(a) educador(a) e fornecer elementos que subsidiem a atuação dos(as) profissionais formadores(as). Entre algumas conquistas importantes para a educadora que se dedica à educação sexual, podemos citar, por exemplo, o crescimento em sua visão pessoal a respeito da sexualidade, crescimento esse que pode refletir positivamente em sua vida sexual e a conquista de maior proximidade e amizade com seus alunos. Os desafios são vários e têm se acentuado devido à forte onda de conservadorismo. Um deles é a necessidade de superação da vergonha e do medo de falar sobre sexo. Concluímos que formadores(as) e educadores(as) necessitam conhecer os desafios e as alternativas que dão respaldo legal ao ensino da sexualidade nas escolas, para não se deixarem paralisar diante de ações repressoras feitas pelos inimigos da educação sexual. Necessitam, também, desenvolver o fortalecimento e a união dos profissionais que atuam nas escolas, começando pelo conhecimento do significado e do sentido da educação sexual planejada e intencional na vida de crianças, adolescentes e jovens.

Palavras-chave: Educação sexual. Sexualidade. Formação inicial. Formação continuada. Formação de professores(as).

Abstract: Initial and continuing teacher education is urgent and necessary to work on sex education in schools, especially in a period of strong conservatism. Based on university research and extension projects carried out from 1995 to 2013 on continuing education in the area of Sex Education at the State University of Londrina (UEL-PR), this text intends to reflect on achievements, overcoming and challenges linked to the work of the educator and provide elements that support the performance of the professional trainers. Among some important achievements for the sex education educator, we can mention, for example, the broadening in his/her personal view about sexuality, a broadening that can reflect positively on his/her own sex life and the achievement of greater closeness and friendship with his/her students. The challenges are many and have been accentuated due to the strong wave of conservatism. One is the need to overcome shame and fear of talking about sex. We conclude that trainers and educators need to know the challenges and alternatives that give legal support to the teaching of sexuality in schools, so as not to be paralyzed by repressive actions made by the enemies of sex education. They also need to develop the strengthening and unity of professionals working in schools, starting with the knowledge of the meaning of planned and intentional sex education in the lives of children, adolescents and young people.

Keywords: Sex Education. Sexuality. Initial education. Continuing education. Teacher training.

Resumen: La formación inicial y continuada de profesores/as para trabajar la Educación Sexual en las escuelas es urgente y necesario, ante todo en un periodo de fuerte conservadurismo. Basada en investigaciones y programas de

¹ Psicóloga (CRP 08/1210), doutora em Educação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp), campus de Marília, e mestre em Psicologia Escolar pela Universidade de São Paulo (USP). Professora aposentada da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Especialista em Educação Sexual pela Sociedade Brasileira de Estudos em Sexualidade Humana (SBRASH) desde 1999. E-mail: mnfigueiro@icloud.com.

extensão universitárias desenvolvido no período de 1995 a 2013, a respeito da formação continuada na área da Educação Sexual, na Universidade de Londrina (UEL-PR), este artigo pretende refletir acerca de conquistas, superações e desafios que estão interconectados ao trabalho do/da professor/a e proporcionar elementos que respaldem o desempenho de los/las profissionais que atuam como formadores/as. Entre alguns logros importantes para a educadora/el educador que se dedica a la educación sexual, podemos mencionar, por exemplo, o crescimento de su visión personal sobre la sexualidad, crescimento esse que puede reflexionar positivamente en su vida sexual y la conquista de mayor vecindad y amistad con sus alumnos/as. Los desafíos son muchos y se han acentuado debido a la fuerte ola de conservadurismo. Una de esas situaciones es la necesidad de superar la vergüenza y el miedo de hablar a respecto de sexo. Llegamos a conclusión que formadores/as y educadores/as necesitan conocer los desafíos y las alternativas que dan respaldo legal al ensino de la sexualidad en las escuelas, para no se quedaren paralizados por las acciones represivas de los enemigos de la educación sexual. También necesitan desarrollar el fortalecimiento y la unión de los profesionales que actúan en las escuelas, empezando por el conocimiento del significado y del sentido de la educación sexual planificada e intencional en la vida de los/las niños/as, adolescentes y jóvenes.

Palabras clave: Educación Sexual. Sexualidad. Formación inicial. Formación continuada. Formación de profesores/as.

Introdução

A prática profissional do(a) educador(a) vem apontando a necessidade de que temas relacionados à sexualidade, mais especificamente, à educação sexual como um todo sejam inseridos na formação inicial, assim como na formação continuada. No ano de 2006, lancei um livro, fruto da minha tese de doutorado (FIGUEIRÓ, 2001, 2014), para o qual escolhi o título: *Formação de educadores sexuais: adiar não é mais possível*. Título instigante, forte como uma voz que grita no deserto, desejosa de que seja ouvida e, mais que isso, que seja atendida. Infelizmente, constatamos que pouco tem sido feito nesse sentido e, ainda, que talvez tenhamos regredido após fortes e constantes investidas de movimentos conservadores, desde que adentramos na década de 2010, aproximadamente. Integra essa obra a caminhada de dez professoras e um professor que, tendo participado de um processo anual de formação continuada em educação sexual, no ano consecutivo, dispuseram-se a desenvolver um programa com seus alunos, recebendo assessoria de psicólogas ligadas ao projeto de extensão da Universidade Estadual de Londrina (UEL), no Paraná. Passado um ano dessa atuação, as² docentes foram ouvidas para se verificar o que conseguiram realizar no ano seguinte, quando foram deixadas sozinhas, sem supervisão, da universidade.

Apenas duas professoras conseguiram desenvolver um trabalho sistemático com seus alunos ao longo de todo o ano escolar, e uma outra professora e o único professor integrante do grupo conseguiram desenvolver trabalhos, porém por um período abreviado. Vários foram os fatores limitantes ao desenvolvimento de um trabalho intencional

e planejado de educação sexual na realidade cotidiana de atuação dessas professoras e do professor. Entre esses fatores, foram citados, por exemplo: variadas obrigações a cumprir com atividades pedagógico-administrativas; dificuldades na vida pessoal e/ou em sua saúde; e, por último, limites devido a atitudes resistentes a mudanças por parte da própria professora, mesmo tendo participado da formação continuada. Apesar de apenas quatro terem conseguido desenvolver um programa sistemático, todas as 11 pessoas participantes, no ano em que foram deixadas sozinhas, souberam aproveitar várias situações espontâneas que aconteceram no cotidiano da escola para trabalhar a educação sexual a partir daí. Nas entrevistas que foram feitas individualmente, com cada uma delas, foram descobertas várias mudanças positivas advindas da atuação como educadoras sexuais, tais como, por exemplo: crescimento da autoimagem e valorização profissional e potencialização da capacidade de ser agente de influência positiva no meio escolar; seja auxiliando outras professoras em trabalhos de educação sexual; seja fazendo pequenos “discursos” que informam, conscientizam e envolvem outros professores no âmbito da educação sexual; seja, ainda, interferindo em situações específicas e contribuindo para um bom desfecho de impasses ligados a casos envolvendo a sexualidade.

Dessa forma, com base nos resultados encontrados em minha tese, conforme descrito acima, podemos destacar que uma importante conquista para a educadora que se dedica à educação sexual é o crescimento de sua autoimagem e autoestima. É natural, contudo, que, em toda atuação em que nos pautamos em conhecimento, em estudos sérios, com dedicação, o resultado é esse sentimento de crescimento pessoal, de aumento da capacidade de atuação. Contudo, refletimos agora sobre quais outras conquistas uma profissional da educação ou da saúde, por exemplo, pode obter quando abraça a educação sexual,

² Usei predominantemente o feminino porque são dez professoras e apenas um professor; e porque, no campo da educação, professoras são maioria.

ou seja, quando planeja ações intencionais de ensino sobre a sexualidade, em especial, criando para os alunos muitas oportunidades para que possam conhecer e debater temáticas como gravidez na adolescência, namoro, Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST), métodos contraceptivos, autoerotismo, aborto, prevenção ao abuso sexual, gênero e diversidade sexual, entre outras.

A concepção de educação sexual que serve como norte, neste texto, é aquela que, sem deixar de dar a devida importância aos conhecimentos científicos sobre a biologia e fisiologia da sexualidade, que precisam ser trabalhados com crianças, adolescentes, jovens e adultos e até mesmo idosos, considera, ainda, que é de fundamental importância que:

[...] a educação sexual se constitua, acima de tudo, num espaço aberto ao debate e às reflexões, que propicie oportunidades para a expressão de sentimentos, dúvidas e angústias, enfim, que estimule reflexões sobre todas as questões relacionadas, direta ou indiretamente, com a sexualidade. É apenas por este caminho que crianças e adolescentes vão aprendendo a formar sua opinião e a fazer suas escolhas com liberdade e responsabilidade. Também é fundamental que a professora saiba ouvir e dar chance para os alunos falarem e expressarem sua opinião, para que possam aprender a respeitar concepções divergentes da sua (FIGUEIRÓ, 2018a, p. 223).

Numa perspectiva de educação sexual emancipatória, defende-se que educamos não apenas pensando no benefício individual para a pessoa do educando, mas que educamos também para formar cidadãos e cidadãs conscientes, autônomos(as) e participativos(as) das transformações sociais necessárias para a vivência positiva e saudável de todas as pessoas, de modo a contribuir para a extinção de comportamentos discriminatórios, violentos e repressores. Educamos para formar cidadãos que saibam contribuir para a efetiva mudança das normas e regras opressoras e discriminatórias ligadas à sexualidade.

Conquistas e superações

As pesquisas e os trabalhos de formação continuada em educação sexual, via extensão universitária desenvolvida de 1995 a 2013, na UEL, que fundamentam todas as reflexões neste texto empreendidas têm sido desenvolvidos com base na concepção do professor como elemento estruturador de sua formação e ancorados em ações formativas atreladas ao novo modelo de formação continuada, que instiga a reflexão, pelo professor, sobre sua prática cotidiana, conforme propostas de Schön (1997) e Perrenoud (1999), dois grandes estudiosos da formação continuada.

Com base em muitos *feedbacks* recebidos de professoras e outros profissionais que participaram dos

processos formativos, posso afirmar que a maioria das educadoras que se empenha em leituras sobre educação sexual e sexualidade e em discussões em grupo com outros educadores cresce, em sua visão pessoal, a respeito da sexualidade e na superação de tabus e preconceitos, e esse crescimento, por sua vez, pode refletir na vivência pessoal da sexualidade com seu parceiro ou parceira. Tudo isso constitui uma conquista ímpar.

Concomitante à superação dos tabus e preconceitos que a professora apreendeu ao longo de sua vida, aos poucos, ela vai conquistando a superação de sua vergonha de falar sobre o tema nos momentos em que ensina sobre sexualidade. O mesmo pode acontecer com uma mãe e/ou pai, que, ao se esforçarem para falar com seus filhos sobre o assunto, acabam por perceber que, ao conversarem com o segundo ou terceiro filho, sentem-se mais soltos, mais à vontade, com menos vergonha ou receio das perguntas que possam vir. Essa superação crescente se dá quando as educadoras estudam e se preparam para tal tarefa, dispondo-se a continuar refletindo, preferencialmente em grupo, sobre sua prática pedagógica, suas intervenções em situações ligadas à sexualidade e sobre as implicações das mesmas.

Paralelamente ao crescimento pessoal e profissional, a educadora que desenvolve educação sexual em sua escola obtém outras significativas conquistas, que terão reflexo positivo em seu trabalho como um todo. São elas:

- a. maior aproximação afetiva com os alunos;
- b. maior aproximação dos alunos e alunas entre si;
- c. melhora na motivação do aluno quanto ao aprendizado da disciplina por ela ministrada.

Além da superação da vergonha, como já destaquei, tenho acompanhado, por parte de muitas professoras, a superação do medo de falar sobre sexualidade na escola. Observei que, nos anos iniciais em que comecei a desenvolver a experiência de formação continuada em educação sexual – segunda metade da década de 1990 –, algumas professoras expressavam seu medo e preocupação com possíveis reações negativas de pais e/ou mães ao seu trabalho sobre sexualidade com os alunos. Em um texto sobre a interação família-escola na educação sexual, Anami e eu destacamos que esse sentimento tem fundamento, devido a vários casos de denúncia que já ocorreram desde a década de 1930, passando por 1960, 1970, até os dias atuais, conforme registra a história da educação sexual no Brasil, e devido a dois outros casos ocorridos, especificamente, na cidade de Londrina: um no ano de 1992 e outro em 2004 (ANAMI; FIGUEIRÓ, 2018).

Ao nos aproximarmos do século XXI, esse medo vinha se esvanecendo gradativa e satisfatoriamente, e tanto a família quanto os profissionais da escola e da

saúde, aos poucos, vinham reconhecendo a importância e a necessidade da atuação da escola na educação sexual. Entretanto, a superação do medo, que pode ser considerada uma conquista, hoje tem se tornado um grande desafio, devido a movimentos conservadores que, desde 2010, aproximadamente, vêm sendo fortemente contrários à educação sexual na escola. Entre esses movimentos, pode-se citar: Movimento Ideologia de Gênero, Escola Sem Partido (ESP) e Movimento Brasil Livre,³ os quais apontam que a educação sexual cabe apenas à família e que escola não pode abordar qualquer assunto ligado à sexualidade e, em especial, gênero e diversidade sexual.

Tem ficado claro que, no terreno da educação sexual na escola, avanços e recuos são a marca perene de toda a caminhada. Assim, entra década, sai década, e os desafios que emergem acabam por desnudar uma triste verdade: a grande maioria das pessoas, mesmo com formação universitária, não consegue se libertar de seus ranços pessoais em relação ao sexo e, desse modo, atua profissionalmente guiada ou sufocada por eles.

Desafios a enfrentar

Muitos são os desafios a enfrentar, o que mostra que colocar em prática a educação sexual é tarefa bastante complexa, sobretudo nos tempos atuais. Assim, é importante que, além dos educadores, os profissionais formadores, quer sejam psicólogos, pedagogos ou profissionais da saúde, tomem consciência disso. Passemos a relacionar alguns desafios.

O primeiro a destacar tem a ver com a disposição da educadora em repensar a história de sua própria educação sexual, tanto em casa quanto na escola. Além do benefício pessoal que tal atitude traz à educadora, o permitir-se repensar a própria história é útil, também, porque quem não teve uma educação sexual positiva na infância e na adolescência, mas toma consciência do quanto a mesma lhe fez falta, acaba por certificar-se de que é importante que os alunos sob sua responsabilidade tenham a oportunidade que ela não teve. Para as que tiveram, o fato de repensar as ajuda a se certificar dessa importância. Quando eu coordenava os grupos de formação continuada, dava um exercício de redação, para cada participante fazer em casa, sobre como foi sua educação sexual em casa e na escola. Depois, no encontro seguinte do grupo de formação continuada, oportunizava que conversassem primeiro, em pequenos grupos, sobre sua história; e depois, abria espaço livre para o grande grupo, para quem quisesse partilhar alguns elementos de sua história pessoal. Todas as contribuições geravam reflexões importantíssimas. Assim, considero que a

reeducação sexual, além de um desafio, é um percurso indispensável na formação de educadores, como também dos formadores (KAWATA; NAKAYA; FIGUEIRÓ, 2018).

Não é fácil falar sobre sexo, justamente porque a maioria de nós não teve uma educação sexual positiva e foi influenciada por tabus, por mensagens negativas, indiretas ou diretas, sobre o sexo, o corpo, a relação sexual e o básico entendimento de onde vêm os bebês e assim por diante. Trata-se de compreender que o problema é cultural e quase generalizado. Desse modo, por levar a entender o fundamento da dificuldade em falar sobre o assunto, o exercício de reeducação sexual pode ajudar, já de início, a abrandar essa dificuldade.

A influência negativa da cultura leva-nos a compreender a existência de um dos mais árduos desafios: a superação dos próprios preconceitos, o que não se dá da noite para o dia, mas requer tempo e várias oportunidades para repensar o tema, para olhar o assunto sob vários ângulos. Lembro-me de que os estagiários de Psicologia que atuavam comigo na formação continuada de educadores se mostravam um tanto desanimados no final de cada ano, porque percebiam que algumas das participantes demonstravam carregar ainda, por exemplo, certa dose de preconceito contra homossexuais e transgêneros. Eu dizia aos estagiários que ficassem tranquilos – primeiro, porque não se muda um preconceito da noite para o dia e, segundo, porque, seguramente, após tudo o que haviam trabalhado no grupo, os preconceitos que, inicialmente, eram rígidos já foram mexidos. Assim, dependeria de a participante continuar se dispondo a repensar o tema, a ler e a ver bons filmes sobre o mesmo, entre outras atitudes positivas, para alcançar a superação total.

Muitos desafios têm a ver com o próprio papel do educador. Assim, é um grande desafio, em qualquer nível de ensino, ajudar os alunos e as alunas a:

- a. encararem a sexualidade como algo bonito e bom na vida das pessoas, já que o que recebem da educação sexual informal vai no sentido contrário;
- b. eliminarem a visão de sujo, feio e vergonhoso associada ao sexo;
- c. olharem com tranquilidade e aceitação para os genitais, a ponto de achá-los bonitos.

Saber ouvir e saber coordenar debates em sala de aula é, também, um desafio, e, para isso, é necessário desenvolver e aprimorar essas habilidades didáticas. Um outro desafio é conseguir trabalhar os vários temas polêmicos sem doutrinar os(as) alunos(as), ou seja, sem tentar convencê-los(as) de que sua opinião de educadora, seu jeito de pensar, é o melhor. Sexo, antes ou não do casamento, e aborto são temas bastante próximos de conflitos de valores, de diversidade na forma de pensar, que se chocam quando confrontados com normas morais,

³ Para a compreensão desses movimentos conservadores, sugiro a leitura dos textos de Anami e Figueiró (2018) e de Reis e Eggert (2017).

religiosas e/ou familiares. Na grande maioria das vezes, os alunos desejam saber a opinião da professora, o que parece ser importante para eles. Não há motivo para esconder e talvez até nem seja possível, mesmo porque é difícil ser neutro quando se trata de temas que dizem respeito a todos, que interferem na vida de todos e que estão ligados à vida de forma geral. Nesse caso, é importante que a professora deixe claro que, sobre uma mesma questão, existem diversos posicionamentos e que cabe a cada um desenvolver, com autonomia, sua forma de pensar e de se posicionar diante de vários assuntos.

Aprender a despersonalizar as perguntas de caráter pessoal feitas pelos garotos ou garotas, mesmo que disfarçadas na forma de: “aconteceu com minha amiga” ou “minha amiga quer saber se...”, é mais um desafio importante, já que fortes emoções podem ser mobilizadas quando o aluno ou a aluna faz uma pergunta que tem relação direta com suas vivências, com suas dúvidas e angústias.

Outro desafio para a educadora é desenvolver sabedoria para avaliar como deve questionar as orientações que circulam nos saberes populares ou em determinadas mídias que trazem o posicionamento de profissionais, muitas vezes psicólogos(as), que não estudam a educação sexual do ponto de vista científico, mas que ditam regras do tipo: “para falar de sexo com a criança, é preciso esperar que ela faça perguntas”; “diante de uma pergunta da criança, deve-se responder só aquilo que ela perguntou”. Bastante relacionada a isso está a postura de não se deixar levar por discursos conservadores, fundamentalistas, que distorcem o verdadeiro significado da educação sexual e a importância de sua contribuição para a formação integral da pessoa de alunos e alunas.

No segundo semestre de 2017, com muita tristeza, tive oportunidade de acompanhar notícias de escolas da Rede Estadual de Ensino da região onde moro, no Paraná, em que diretoras convidaram defensores do Movimento Ideologia de Gênero ou da ESP para ministrarem palestra para seus professores. Num caso específico, um advogado de aproximadamente 33 anos, Filipe Barros, hoje deputado federal, que estava presente em uma das escolas foi questionado durante sua fala apenas por uma docente de Sociologia – que fez parte do grupo de formação continuada da UEL – e por um outro professor. O restante das professoras e a diretora ouviram como quem ouve grandes verdades e se deixa levar por elas, de maneira fascinada. Num outro momento, a professora e o professor que questionaram o palestrante pediram à diretora que marcasse outro encontro no qual algum estudioso da educação sexual pudesse falar, para apresentar o ponto de vista científico. Isso não aconteceu, e a diretora justificou que não o faria porque a pessoa indicada – no caso, eu

– “defende o aborto”⁴ e que bastou para todos a palestra que já tiveram.

Eu própria fui convidada a participar, na cidade de Londrina, de um debate, organizado pela Pontifícia Universidade Católica (PUC), em que eu e mais uma docente universitária debatemos a favor da educação sexual na escola, contra esse mesmo advogado e mais um padre, que, não podendo estar presente, foi substituído por um graduando. É muito triste ver um profissional que, não tendo nenhuma formação na área da educação, se põe a falar como quem tem muito a ensinar aos professores sobre como desempenhar seu trabalho.

Discorrer sobre os desafios para o(a) profissional que se propõe a atuar como educador(a) sexual parece-me ser um exercício que não se esgota. Em um texto mais aprofundado, intitulado “Educação sexual e formação continuada do educador: desafios e cuidados no trato de temas polêmicos” (FIGUEIRÓ, 2018b), já me empenhei nessas reflexões, e acredito que este artigo, em seu conjunto, é um desafio em si próprio, na medida em que abre um convite para continuados debates e reflexões de estudiosos e pesquisadores da educação sexual.

Conclusão

Profissionais que trabalham como formadores, preparando educadores para atuar no campo da educação sexual, precisam se ater aos desafios e tomar medidas alternativas que os ajudem no enfrentamento de cada um deles. No que diz respeito, por exemplo, à necessidade de superação do medo da reação negativa de pais, mães ou de pessoas ligadas a movimentos conservadores, é importante criar momentos, nos encontros de formação, para que os(as) educadores(as) possam falar sobre esse medo, expressá-lo, a fim de que, tendo consciência do mesmo, possam superá-lo. Em um grupo, o simples fato de cada integrante tomar conhecimento de que outros também vivenciam o mesmo sentimento já é um bom começo para o alívio e para a superação.

É de suma importância que todos tenham acesso aos vários documentos que têm sido elaborados para dar apoio e suporte legal aos que desenvolvem a educação sexual nas escolas. Cito, como primeiro exemplo, o *Manual de defesa contra a censura nas escolas* (MANUAL..., 2018).

No artigo de Reis e Eggert (2017), podemos encontrar outros documentos importantes nesse sentido. Entre eles, os autores citam, por exemplo: a

⁴ Sobre o tema do aborto, um esclarecimento: tenho me dedicado a pesquisar sobre esse tema desde o ano de 2012 e, como todas as pesquisadoras sérias do nosso país, em momento algum defendo o aborto, mas sim a educação sexual e os direitos sexuais e reprodutivos, bem como a saúde física e mental da mulher e sua autonomia sobre seu corpo.

Nota Técnica elaborada pelo Conselho Nacional de Educação (BRASIL, 2015) e a Nota Pública elaborada pelo Ministério da Educação e a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (Secadi) (CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2015).

É urgente a realização de um esforço para o fortalecimento e a união dos profissionais da Educação e, também, dos profissionais que integram cada escola, em sua particularidade. O fortalecimento precisa começar pelo conhecimento do significado e do sentido da educação sexual na vida de crianças, adolescentes e jovens, tanto por parte de professores(as), diretores(as), equipe pedagógica, pais, mães e comunidade em geral. É preciso conscientizar a todos e todas sobre quais são os verdadeiros propósitos da educação sexual e sobre como ela pode ser desenvolvida sem doutrinação. Ao contrário do que apontam os discursos conservadores e enviesados, a educação sexual pode e deve ser um exercício de ensinar a pensar e de desenvolver a criticidade, a condenação a toda forma de *bullying* e o respeito a todo tipo de diversidade. É fundamental mostrar que a escola educa, também, do ponto de vista moral, pois visa a desenvolver valores como respeito a si e ao outro, dignidade, igualdade e justiça, entre outros.

Muito trabalho precisa ser feito no que diz respeito à formação inicial e, também, continuada de educadores, no sentido de esclarecer que a educação sexual é o caminho para se alcançar a prevenção do abuso sexual, da violência sexual, da exploração sexual de crianças, adolescentes e jovens, da gravidez na adolescência e das Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST). Espaços variados podem e devem ser aproveitados, como a realização de debates em vários locais, além das escolas, como é o caso de programas de rádio, TV, internet, mídia impressa, entre outros, sempre com foco nos direitos humanos, nos direitos sexuais e nos direitos reprodutivos.

Com base nas reflexões que empreendi neste texto, fica clara a urgência do fortalecimento dos profissionais da educação. Porém, antes de tudo, é mister que professoras e profissionais da educação e da saúde, entre outros, sintam-se convencidos de que é função da escola, também, o ensino sobre a sexualidade. Nesse ponto, os formadores precisam investir esforços, pois, entre educadoras e educadores, há muitos que pensam que a educação sexual é unicamente função da família ou que a escola deve ensinar sobre sexualidade, porque a família não sabe conversar com seus filhos sobre sexo. Não é por aí. É papel da escola, sim, mesmo que pai e mãe conversem em casa de maneira muito satisfatória com seus filhos e filhas, pois, na escola, há algo importantíssimo que em casa não existe: a oportunidade do debate entre colegas da mesma idade ou com idades próximas. É nesse espaço que se aprende a respeitar opiniões diferentes das suas.

Formadores precisam desenvolver, várias vezes, dinâmicas de grupo nos encontros formativos, para alcançar um nível satisfatório de sensibilização dos educadores para a introjeção efetiva da ideia de que é papel da escola, também, a educação sexual. Por esse e outros motivos, defendo que o processo de formação de educadores sexuais não deve se dar de modo pontual, com poucas horas de estudo, mas de maneira prolongada e sistemática e com o fornecimento de assessoria profissional após o período de formação continuada (FIGUEIRÓ, 2001, 2014).

Como finalização, gostaria de chamar atenção para um outro caminho promissor para o fortalecimento da educação sexual, que corresponde à criação de cursos de especialização e à introdução de disciplinas específicas na pós-graduação, *stricto* e *lato sensu*, estratégias que, com certeza, gerarão oportunidades de estudos teóricos, reflexões e debates em grupo, além favorecerem processos de reeducação sexual de profissionais com potencial para serem formadores. Isto pode se dar, também, em disciplinas de graduação. A pós-graduação, no entanto, tem uma grande vantagem adicional: viabilizar à professora, matriculada como aluna, a pesquisa de seu próprio trabalho, com orientação de uma pesquisadora ou pesquisador.

Como marcas de esperança, aponto, nestas conclusões sobre a onda avassaladora de conservadorismo em relação à educação sexual que estamos vivenciando, a existência de muitos movimentos de enfrentamento da mesma, que têm se evidenciado no país inteiro, uma vez que é possível constatar, por exemplo, o aumento do número de matérias e reportagens sobre educação sexual com uma abordagem humanista e com ênfase no papel da escola, dentre as quais muitas incluem contribuições de profissionais que atuam no campo da educação sexual. São reportagens e entrevistas sobre o tema em jornal impresso e/ou *on-line*, em revistas relacionadas à educação, em rádio e TV, entre outras plataformas.

Meu próprio testemunho de fé, nestas marcas de esperança, está baseado no número de entrevistas⁵ das quais participei – 11 unicamente no primeiro semestre de 2019. Para exemplificar, ainda, a amplitude dessas oportunidades de falar sobre educação sexual numa perspec-

⁵ Participações em entrevistas no 1º semestre de 2019, as quais se encontram registradas em meu Currículo Lattes, “com endereço eletrônico para resgate das mesmas”: Rádio TCE/RS: 11/01. Folha de Londrina – PR: a) dia 06/01; b) 19/01. Folha de São Paulo: 18/05. Gazeta do Povo (PR): 27/04. Rádio da Universidade Estadual de Santa Catarina (Rádio UDESC), Florianópolis (RS): mês 04. Rádio Brasil Sul – Londrina: a) 07/07; b) 14/07. Revista Nova Escola: 03/02. Duas entrevistas estão, ainda, por ser veiculadas/publicadas: do RádioAmericano (www.pri.org/programs/the-world) e da Revista Educação (www.revistaeducacao.com.br).

tiva de emancipação humana, o assunto também se faz muito presente nas redes sociais, como o Instagram, por meio do “quebrando o tabu”, por exemplo, em que pessoas pró e contra opinam e expressam o que pensam e sentem a respeito do ensino da sexualidade nas escolas.

Tendo como norte os direitos humanos, os direitos sexuais, os direitos reprodutivos e, também, o propósito de superar o machismo e toda forma de discriminação, violência e opressão, muitos(as) formadores(as) e educadores(as) comprometidos(as) continuarão seguindo em frente, cada vez mais fortalecidos(as) e unidos(as), em especial, porque acreditam na importância e na necessidade da educação sexual na vida das crianças, adolescentes e jovens.

Referências

- ANAMI, Leticia Figueiró; FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. Interação família-escola na Educação Sexual: reflexões a partir de um incidente. In: FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. *Educação sexual: saberes necessários para quem educa*. Curitiba: CRV, 2018. Cap. 6, p. 129-160.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Diretoria de Políticas de Educação em Direitos Humanos e Cidadania. Coordenação Geral de Direitos Humanos. *Nota Técnica nº24/2015*. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2015. Disponível em: <http://www.spm.gov.br/assuntos/conselho/nota-tecnica-no-24-conceito-genero-no-pne-mec.pdf>. Acesso em: 29 ago. 2016.
- CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (Brasil). *Nota Pública às assembleias legislativas, à Câmara Legislativa do DF, às câmaras dos vereadores, aos conselhos estaduais, distritais e municipais de educação e à sociedade brasileira, de 1º de setembro de 2015*. Brasília, DF: Conselho Nacional de Educação, 2015. Disponível em: <http://www.cnte.org.br/index.php/comunicacao/noticias/15472-nota-publica-as-assembleias-legislativas-a-camara-legislativa-do-df-as-camaras-de-vereadores-aos-conselhos-estaduais-distrital-e-municipais-de-educacao-e-a-sociedade-brasileira.html>. Acesso em: 29 ago. 2016.
- FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. Educação Sexual na escola: desafios e conquistas dos educadores. In: FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. *Educação sexual: saberes necessários para quem educa*. Curitiba: CRV, 2018a. Cap. 9, p. 219-241.
- FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. Educação sexual e formação continuada do educador: desafios e cuidados no trato de temas polêmicos. In: FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. *Educação sexual: saberes necessários para quem educa*. Curitiba: CRV, 2018b. Cap. 12, p. 287-306.
- FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. *A formação de educadores sexuais: possibilidades e limites*. 2001. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual Paulista, Marília, 2001.
- FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. *Formação de educadores sexuais: adiar não é mais possível*. 2. ed. rev. atual. e ampl. Londrina: EDUEL, 2014.
- KAWATA, Heloísa de Oliveira; NAKAYA, Karen Mayumi; FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. Reeducação sexual: percurso indispensável na formação de educadores. *Revista Linhas*, Florianópolis, v. 11, n. 1, p. 85-111, jan./jun. 2010.
- MANUAL de defesa contra a censura nas escolas. 2018. Disponível em: www.manualdefesadasescolas.org.br Acesso em: 5 ago. 2019.
- PERRENOUD, Philippe. Formar professores em contextos sociais em mudança: prática reflexiva e participação crítica. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 12, p. 5-19, set./dez. 1999.
- REIS, Toni; EGGERT, Edla. Ideologia de gênero: uma falácia construída sobre os Planos de Educação. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 38, n. 138, jan./mar. 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/es0101-73302017165522>. Acesso em: 10 maio 2017.
- SCHÖN, Donald A. Formar professores como profissionais reflexivos. In: NÓVOA, António (org.). *Os professores e a sua formação*. 3. ed. Lisboa: Dom Quixote, 1997. p. 77-92.